

Escola Bíblica Semanal

Lição 6 - Evangelho de Mateus – Instruções à igreja e viagem a Jerusalém (18.1 a 20.34)

1 – Introdução à lição

Nesta lição estudaremos o quarto discurso de Jesus, as “instruções à igreja”, onde o Senhor fala aos discípulos de forma predominantemente pastoral, tratando dos assuntos da comunidade cristã que estava nascendo. Após isso Jesus parte rumo a Jerusalém, em uma viagem cheia de ensinamentos adicionais.

2 – Quarto Discurso: instruções à igreja (18.1-35)

Esta é a quarta grande seção pedagógica apresentada por Mateus, das cinco que são apresentadas num paralelo interessante com os cinco livros de Moisés, o grande profeta do antigo testamento, o legislador, o homem que começou as Sagradas Escrituras. Mateus identifica claramente o começo e o fim da seção: “naquela mesma hora” (Mt 18.1) e “concluindo Jesus esses discursos” (Mt 19.1). Nesta breve seção Jesus dá instruções aos discípulos relativas à natureza humana para o Reino dos Céus e instruções adicionais sobre a disciplina e autoridade na igreja.

2.1 – As crianças (18.1-14)

Logo após os eventos relativos ao imposto do templo, no momento em que Pedro foi enviado a pescar e pegar um peixe que continha uma moeda na boca, chegaram os discípulos questionando quem seria o maior no Reino dos Céus. Estes mesmos discípulos tinham recentemente falhado em uma libertação de um menino e tinham vista a dura repreensão contra Pedro, que era entre eles o primeiro, mas anteriormente ouviram que o menor no Reino era maior que João Batista. Sem o menor discernimento ou humildade, querem saber quem será o maior no Reino. Não muito diferente da multidão, desejam um poder bélico liderado pelo Messias, e querem estar entre os maiores da corte no novo Reino.

De forma terna e singela, Jesus chamou uma criança e colocou-a no meio dos adultos. A palavra grega “paidion” indica uma criança menor de doze anos, a qual entre os judeus era considerada bastante insignificante. A natureza do Reino destrói os valores pré-concebidos, pois a natureza inocente e servil é a verdadeira essência do Reinado do Messias.

O verbo “strepheo”, que significa converter, é literalmente virar, mudar de direção, o que indica a necessidade urgente de grandiosa mudança de vida para entrar no Reino.

Jesus agora trata do escândalo contra um pequenino, que pode tanto significar a profanação de uma criança ou o levar à queda um novo convertido, que é como uma criança. Para os que fazem assim, teria sido melhor uma morte sem direito a um sepultamento. É difícil imaginar como Jesus poderia ter dado um aviso mais solene sobre o horror de levar um cristão novo ou fraco a errar e ser seduzido pelo pecado por causa da influência de alguém.

Precisamos entender que a palavra original traduzida por escândalo tem um significado muito mais forte que na nossa língua, pois o significado é de levar à destruição espiritual.

Jesus não defendeu uma mutilação física literal, pois ainda que isso seja melhor que ser

condenado eternamente, não é disso que o Messias falava. Na verdade o olho é a entrada das coisas do mundo em nossos corações, os pés nos levam aos lugares e andam por caminhos, enquanto as mãos fazem as obras. Seja o nosso olho, que é a candeia do corpo, bom; estejam nossos pés no caminho do Senhor e que nossas mãos produzam as obras de Deus.

O significado desta advertência é que vale a pena deixarmos de lado certas coisas lícitas, porque podem nos conduzir ao pecado e ao inferno. Não trata-se apenas de evitar o mal, mas de até mesmo evitar o que para outros é inofensivo, mas que para nós pode ser a porta escancarada do inferno. Alguns simplesmente decidem deixar de assistir TV porque sabem que são muito fracos para se defenderem dos valores distorcidos da programação, outros não têm internet porque temem cair em pecado de adultério ou fazer fofocas. Cada um sabe de suas fraquezas e deve abrir mão daquilo que pode matá-lo.

“Não desprezem nem um só destes pequeninos!” A advertência é solene e não devemos desprezar ninguém e a ninguém maltratar, especialmente as crianças. Esta passagem diz-nos que os anjos do Senhor estão ligados às crianças, e olham a face de Deus.

O Senhor quer a todos, não apenas um grande número ou a maioria. Ainda que Deus tenha planos mundiais e profecias para toda a humanidade, cada ser humano individualmente é objeto da atenção de Deus.

2.2 – Os irmãos na fé (18.15-35)

Aqui temos uma seção mandamental, onde nos são dadas as instruções para processar as ofensas realizadas dentro do corpo de Cristo. O próprio Jesus previu a situação e como tratar dela, e todos os outros procedimentos devem ser deixados de lado em favor deste, pois o mundo não tem parte com a igreja e as trevas não têm parte com a luz. Ainda que muita coisa proveitosa possa haver no mundo e que devamos examinar a tudo e reter o bem (I Ts 5.21), temos aqui instruções expressas que devem ser cumpridas e jamais trocadas por outras.

No caso de ofensa entre irmãos, o ofendido deve procurar o ofensor e mostrar-lhe o erro. Jesus está aqui enterrando a possibilidade de fofocas, futricas e fuxicos na igreja. Problemas entre irmãos devem ser resolvidos diretamente, olhos nos olhos. Se houver arrependimento, o irmão foi ganho, mas pode ser que o ofensor ainda não atenda, então há um segundo passo a ser tomado.

O segundo passo é levar um ou dois irmãos consigo, para que tudo seja confirmado por testemunhas. Ainda assim o ofensor pode se recusar a ouvir, então o caso torna-se mais grave.

O terceiro e último passo é levar o caso à igreja, o que obviamente deve excluir os neófitos, ou recém-chegados, para que não se ensoberbeçam e para que os participantes saibam dar um parecer oportuno (I Tm 3.6).

Se o ofensor ainda assim se recusar a ouvir, deve ser tratado como pagão ou publicano, o que significa a total exclusão de ministérios, o não atendimento aos seus ensinamentos e a constante oração da igreja, pois os pagãos e publicanos precisam de arrependimento. O tal caiu da fé e não mais faz parte do corpo de Cristo.

Adicionalmente devemos lembrar que no caso de presbíteros, a igreja não deve sequer aceitar processar o caso sem que a acusação seja acompanhada de duas ou três testemunhas (I Tm 5.19).

Em todo caso, a ordem é simples e clara. Primeiro tenta-se a reconciliação direta, depois trata-se juntamente com uma ou duas testemunhas e, caso não seja resolvido o assunto, finalmente com a igreja. No hipótese de recusa ao arrependimento, aquele ofensor não é mais parte do corpo de Cristo, é um pagão.

Jesus ainda ministra ensinamentos sobre o valor da concordância na terra, a qual só tem validade para aqueles que se reúnem em nome de Jesus, e ninguém pode pedir o mal ou o erro em nome de Jesus, porque Jesus jamais o faria. Ainda que o seu nome seja invocado, não é em seu nome que o mal é pedido, pois “esta é a confiança que temos nele, que, se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve.” (I Jo 5.14)

Então Pedro questionou Jesus acerca da primeira possibilidade, o caso do irmão se arrepender tão logo seja chamado ao arrependimento. Pedro queria saber quando estaria liberado de perdoar, pois alguns rabinos ensinavam que o perdão deveria ser limitado à três vezes, pois as ofensas que passassem disto seriam perversidade. Talvez Pedro pensasse estar sendo generoso.

Jesus tem outro ponto de vista, o perdão é ilimitado. A nós cabe perdoar, a Deus cabe julgar, pois o homem vê a aparência, mas o Senhor conhece o coração. Isto não significa para não sermos zelosos com as coisas de Deus, mas apenas para sermos misericordiosos com os fracos na fé, pois Jesus não veio esmagar a cana quebrada nem apagar o pavio fumegante.

Para ilustrar a misericórdia e o perdão, Jesus conta a parábola do servo impiedoso, o qual devia mais do que um homem poderia pagar com uma vida inteira de trabalho, e em lugar de ser vendido com sua família como escravos, foi perdoado. Este mesmo devedor perdoado manda prender aquele que lhe devia uma quantia muitas vezes menor, e que era o que um trabalhador ganharia em cem dias de labor.

O devedor perdoado, porém impiedoso, foi então castigado, porque não exerceu perdão e misericórdia conforme recebera, mas exerceu juízo impiedoso. Tudo recebemos de Deus, pois temos a salvação que jamais poderíamos alcançar, e não perdoaremos ofensas de nossos irmãos? Ainda que seja o homicídio de um familiar, devemos perdoar um pecador arrependido, pois o próprio Filho de Deus foi morto por nossa causa.

Do mesmo modo que esperamos o perdão de Deus por pecados que nem nos demos conta, devemos também perdoar os irmãos até mesmo por alguma palavra ou ação insignificante que pode ter sido pronunciada ou realizada por inocência ou ignorância. O ensino é perdoar de coração e esquecer.

Uma pessoa não pode abrigar o ódio em seu coração e ao mesmo tempo ser um verdadeiro cristão. Lembremos da oração Pai Nosso, onde pedimos o perdão na mesma medida que temos perdoado.

3 – Narrativa retomada: Viagem a Jerusalém (19.1-20.34)

Agora Jesus sai do norte de Israel, a Galiléia, e parte para a Judéia, onde está Jerusalém. No caminho acontece um discipulado atarvés de diversos exemplos e ensinamentos.

Sabemos que pelo menos parte do itinerário de Jesus foi pelo outro lado do Jordão, pela parte oriental de Israel, mas Lucas conta que na mesma viagem Jesus passou também em uma vila samaritana. O que concluímos é que a viagem não foi direta, nem pela rota mais rápida, mas sim uma sequência de deslocamentos com propósitos bem definidos por Jesus, a fim de realizar o seu ministério plenamente. Como já acontecera anteriormente, multidões o seguiram e foram curadas.

3.1 – Divórcio (19.1-11)

O tema do divórcio não é novidade, já que o casamento foi instituído por Deus desde Adão e Eva e o diabo tem se levantado contra toda obra de Deus desde o Éden. Jesus já havia tratado do tema do divórcio no sermão do monte, proferido na Galiléia, mas agora os fariseus tentavam usar esta questão para pô-lo à prova.

Cabe aqui a mesma explicação já dada. O divórcio fora anteriormente permitido, mas o fora para minimizar o dano, não como uma liberalidade, pois a mulher abandonada sofria muito mais dano que aquela que recebia carta de divórcio, mas o divórcio sempre foi e sempre será pecado (Mt 2.16). Jesus eleva este preceito e explica que a única coisa que separa um casal é o adultério, a imoralidade sexual, e que todo outro tipo de divórcio é adultério.

O discípulos ficaram assustados com a advertência, e concluíram que era melhor não se casar do que não poder se divorciar. Curiosamente ainda temos o mesmo pensamento dois mil anos depois, pois muitos casam-se com tranquilidade porque colocam diante de si a porta de fuga do

divórcio, para o caso de não gostar da experiência. Isto leva a escolhas levianas e compromissos superficiais. Na verdade o divórcio não acaba sendo a consequência de um mal casamento, mas sua causa, porque está presente nas mentes do casal desde o princípio.

O ensino sobre eunucos não é para estimular a mutilação física, mas trata daqueles que seguem o celibato, o que é raríssimo, conforme o próprio apóstolo Paulo, celibatário, admite (I Co 7.1-40).

3.2 – Crianças (19.13-15)

Crianças são trazidas até Jesus, mas os discípulos não queriam isso, pois as crianças eram vistas com inferioridade naquele tempo. Novamente Jesus dá o seu ensino sobre as crianças, falando de sua condição, mas não só isso, pois também lhes impôs as mãos.

3.3 – Riquezas (19.16-30)

Chega-se então o jovem rico, uma das figuras mais conhecidas do novo testamento. Esta história é contada por Mateus, Marcos e Lucas, com cada um contando partes da história. É necessário harmonizar os três textos para chegar-se à história completa.

Neste relato de Mateus, chega-se um jovem rico, que reconhece em Jesus um Mestre e quer conseguir a vida eterna. Jesus em uma frase dá dois ensinamentos, apontando a direção para Deus, que é o único que é bom, e sutilmente mostrando que ao reconhecer Jesus como bom, o jovem o reconheceria como Deus.

A resposta ao questionamento do jovem rico é simples: cumprir os mandamentos, mas o jovem não se dá por vencido, e ainda pergunta: quais? Pois os fariseus haviam imposto muitos outros mandamentos de homens sobre o povo, adicionalmente à lei de Deus.

Jesus responde com mandamentos referentes aos relacionamentos humanos, sem citar um único mandamento sobre o relacionamento com Deus, pois Jesus conhece o coração do jovem e sabe exatamente onde está o problema.

O próprio jovem diz que a tudo isto tem obedecido, mas quer saber o que ainda falta. Falta-lhe abandonar a idolatria e amar ao seu Deus, pois Deus trata avareza como idolatria (Cl 3.5). O amor do jovem ao dinheiro impede-lhe o amor a Deus. O jovem saiu triste, por causa de suas muitas riquezas.

Jesus disse aos discípulos que é difícil para um rico entrar no Reino, porque há uma tendência à idolatria e à confiança nas riquezas. Para ilustrar tal dificuldade, ele disse que é mais fácil fazer passar um camelo num buraco de uma agulha.

Ainda que haja a tentativa de mudar a palavra camelo para a palavra corda, ou de chamar buraco da agulha uma pequena porta no muro de Jerusalém, Jesus quis dizer usar esta figura mesmo, pois não há base nenhuma para outra tradução da palavra camelo e nunca houve qualquer referência a qualquer porta de Jerusalém que se chamasse buraco da agulha. Adicionalmente, o Talmude judaico usa a figura de um elefante tentando passar pelo buraco de uma agulha para ilustrar algo impossível. Jesus usou aqui uma hipérbole, um exagero, para poder ilustrar melhor o seu ensino.

Ainda assim, há esperança para os ricos, pois para Deus nada é impossível. O espanto dos discípulos era devido à crença popular em uma relação direta entre a riqueza de alguém e sua espiritualidade. Curiosamente esta estupidez tem sido novamente ensinada ultimamente por muitos falsos profetas e servos de Deus pouco vigilantes, contrariando o ensino das Sagradas Escrituras.

Novamente há uma intervenção de Pedro, preocupado com o que receberiam por terem abandonado tudo, mas Jesus assegura-lhe que haverá recompensa justa, mas há um porém: muitos primeiros serão últimos e muitos últimos serão primeiros.

Para ilustrar este ensino, Jesus conta a parábola dos trabalhadores na vinha.

3.4 – A parábola dos trabalhadores na vinha (20.1-16)

Esta pequena história é uma paulada na cabeça dos que se ensoberbecem pelo seu serviço ao Reino, inflando-se sobre suas próprias obras. Estes esquecem o ensino: “assim também vós, quando fizerdes tudo o que vos for mandado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos somente o que devíamos fazer.” (Lc 17.10)

Os primeiros trabalhadores são convocados cedo pela manhã, porque na época da safra das uvas a colheita deveria ser procedida rapidamente ou a produção se perdia. A estes foi oferecido um denário pelo dia de trabalho.

Ao longo do dia outros foram chamados, com a simples promessa de receberem o que fosse justo. Mesmo sem salário definido, estes partem para o trabalho.

Ao final do turno de trabalho ocorre o descontentamento dos primeiros trabalhadores, pois viram seus companheiros recebendo o mesmo salário que eles, mas esqueceram que receberam exatamente o que lhes foi prometido.

Deus é soberano para dar a cada um conforme quer, pois tudo é dele. Não devemos ter inveja de alguém pelo que recebeu de Deus, muito menos devemos questionar o Senhor pelo que ele dá a cada um.

A nós cabe a nossa parte prometida por Deus, e ele é fiel e justo para cumprir suas promessas.

No serviço cristão muitos estão enfatuados pelos seus longos anos de trabalho ou por suas grandes obras realizadas, mas ficam completamente desnorteados e cheios de indignação quando um trabalhador chamado por Jesus nas últimas horas desta era surge rapidamente, trabalha, e recebe algo grande das mãos de Deus.

3.5 – Nova predição da morte (20.17-19)

Pela terceira vez em Mateus, Jesus prediz a sua morte, mas desta vez com mais detalhes. Ele avisa que os chefes dos sacerdotes e mestres da lei o condenarão à morte, mas a execução será feita por gentios e através de crucificação. Novamente ele anuncia também a sua ressurreição.

3.6 – O pedido impróprio (20.20-28)

A ambição da família de Zebedeu provê um contraste chocante para a predição de Jesus de sua tortura e morte. Parece que os ouvidos deles estavam insensíveis às palavras do Senhor e ainda desejavam o poder terreno.

Marcos fala apenas no pedido de Tiago e João, mas Mateus fala na mãe deles, sendo mais detalhado que Marcos.

O pedido de assentar-se à direita e à esquerda era algo que eles mesmos não compreendiam. Jesus perguntou se eles poderiam beber do mesmo cálice que ele, e eles afirmam que sim. Enquanto Jesus fala do cálice da ira de Deus, eles provavelmente pensavam no cálice do rei, provado por seu copeiro, homem de grande confiança como o fora Neemias.

Eles certamente beberiam do cálice amargo, pois Tiago foi morto à espada e João foi exilado em Patmos.

Os outros discípulos ficaram indignados com o pedido impróprio, mas não há qualquer indicação que esta indignação tinha motivos nobres.

Jesus dá o ensinamento da grandeza no Reino: o serviço.

No Reino dos Céus a grandeza é inversa ao reino dos homens, onde os governantes e as pessoas importantes dominam e exercem poder. Entre nós não deve ser assim, mas quem quiser ser importante, que sirva, assim como Jesus serviu e reina.

3.7 – Os cegos recuperam a visão (20.29-34)

A passagem paralela em Marcos fala em um cego chamado Bartimeu, enquanto Mateus fala em dois cegos. Lucas fala que o cego ouvir falar de Jesus em sua chegada, mas Marcos e Mateus falam que a cura foi na saída. O que concluímos é que haviam dois cegos, um deles chamado Bartimeu, os quais estavam sentados à beira do caminho de Jericó mendigando e ouviram a entrada de Jesus na cidade. Ao ouvir a sua saída, conseguiram ser atendidos por ele.

Há um grande ensino nesta passagem, pois os dois estavam desgraçados e marginalizados, mas tiveram fé e fizeram tudo o que poderiam fazer, de forma intensa e persistente. Onde não puderam mais agir, Jesus agiu. O possível a nós cabe, o impossível a Deus pertence.

Jesus demonstra seu imenso poder de cura e de síntese: “O que vocês querem que eu lhes faça?” foi a pergunta. “Queremos ver”, foi a resposta. Ele os tocou e eles viram.

Sem alardes, barulhos ou técnicas de divulgação do ministério de curas, diferente de muito que temos visto hoje.

Os ex-cegos agora seguiam Jesus.

Encerramos aqui o estudo de hoje. Seguiremos na próxima lição, na qual prosseguiremos nosso estudo do Evangelho de Mateus. Para preparar-se, leia Mateus 21.1 até 25.46, se possível em diferentes traduções, e anote os pontos principais que lhe chamam a atenção, fazendo uma breve ficha de leitura sobre o que leu.

Para a elaboração deste estudo foram consultadas as seguintes fontes:

Archer, Gleason. **Enciclopédia de temas bíblicos: respostas às principais dúvidas, dificuldades e “contradições” da Bíblia.** São Paulo: Editora Vida, 2001.

Arrington, French L. e Stronstad, Roger (editores). **Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento.** 2ª Edição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

Bíblia Sagrada: nova versão internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

Earle, Ralph; Sanner, A. Elwood. E Childers, Charles L. **Comentário Bíblico Beacon. Vol 6: Mateus a Lucas.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2006.

Oliveira, Marcelo Ribeiro de. **ABSVD – A Bíblia Sagrada versão digital 5.8.0001 Almeida Corrigida, Fiel.** Blasterbit Software, 2005. Download disponível em <http://www.blasterbit.com/>

Pearlman, Myer. **Mateus: o Evangelho do Grande Rei.** 5ª Edição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

Reinke. André Daniel. **Atlas bíblico ilustrado.** São Paulo: Hagnos, 2006.

Lição elaborada por Carlos Alberto Bornhofen, servo de Jesus Cristo.
<http://www.geocities.com/malaquias316>